

JOSÉ CARLOS ALBINO // Fundador da ESDIME

O sonho que mudou a realidade!

Originalidade e inovação são duas das grandes “marcas” da ESDIME ao longo de mais de duas décadas de actividade. Tudo começou no final dos anos 80, com um projecto-piloto de desenvolvimento local.

Corria o ano de 1987 quando uma espécie de “depressão colectiva” se apoderou da população da vila alentejana de Messejana. A fábrica de mobiliário local havia encerrado portas e lançado para o desemprego perto de uma centena de pessoas, levadas ao desespero com a falta de alternativas para o sustento das famílias. Foram dias de angústia, passados sem esperança e com lágrimas no rosto. Até ao momento em que José Carlos Albino resolveu “arregaçar as mangas” e lançar na sua terra-natal um inovador projecto-piloto de formação e qualificação, que mais tarde haveria de dar lugar à Esdime – Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste.

“Desde 1977 que estava ligado ao movimento cooperativo e em 1985 um dos vectores que se viu que era importante incrementar de forma diferente e inovadora era estabelecer

uma relação das cooperativas com os locais, os territórios e a regiões. O objectivo era aproveitar uma ideia que surgiu na altura da nossa entrada na CEE, que era a figura do agente de desenvolvimento”, lembra José Carlos Albino, que na altura era cada vez mais presença regular em Messejana devido a questões familiares.

“**O projecto foi conduzido com uma grande maleabilidade!**”

Foi assim que nasceu o “Projecto Experimental de Formação para o Desenvolvimento de Micro-

Regiões Rurais – Messejana 1987/1990”, iniciativa-piloto “negociada” directamente em Bruxelas, através do então Fundo Social Europeu. “O sonho era experimentar uma metodologia com base na formação. Haveria formação técnico-profissional, mas também formação à iniciativa empresarial e formação ao desenvolvimento comunitário. Na prática, todos os formandos teriam cerca de 70% da formação nessa área técnico-profissional e os restantes 30% nas outras duas componentes de formação”, explica Albino.

O projecto acabou por arrancar em 1988 e durar os dois anos previstos, com 100 dos 250 desempregados do concelho de Aljustrel que se candidataram. “Considerámos que este teste tinha de ser com grande intensidade. Tinha de ser um projecto que a nível local tivesse uma dimensão que abanasse e envolvesse um número muito considerável de formandos e,

por via disso, toda a comunidade”, justifica José Carlos Albino.

Sem livros para seguir

Quando surgiu, o “Projecto Experimental de Formação para o Desenvolvimento de Micro-Regiões Rurais – Messejana 1987/ 1990” partiu do zero... literalmente! “Na altura não havia livros para estudar ou para aprender, a ideia do desenvolvimento local ainda não existia e fomos inventando metodologias e processos”, conta José Carlos Albino, garantindo que a iniciativa procurou sempre adaptar-se às circunstâncias.

“O projecto foi conduzido com uma grande maleabilidade, ou seja, com a capacidade de ir introduzindo alterações e não sendo escravo daquilo que estava planeado no início. Obviamente que os objectivos, os princípios e as metodologias-chave foram mantidas, mas com uma capacidade de adaptação conforme fomos vendo os resultados da própria acção”, revela.

Ao mesmo tempo, continua Albino, a iniciativa soube combater com resultados práticos e acções visíveis o grande obstáculo que era a “desconfiança generalizada, quer da população, quer das instituições”, que existia em seu redor. “Nunca houve um ataque ao projecto, mas havia uma grande desconfiança. Portanto, tivemos de ganhar esse capital de confiança”.

Originalidade e inovação

Quebrar barreiras é sempre tarefa ingrata, ainda mais na década de 80 num território do interior do Alentejo. Mas a originalidade da ideia e a inovação da intervenção acabaram por ser duas das “pedras de toque” essenciais ao sucesso do projecto criado em Messejana, que além da componente formativa tentou incutir nos formandos o então pioneiro princípio do empreendedorismo (palavra que na altura nem existia no léxico quotidiano dos portugueses).

“Todo o projecto deveria ser orientado para que os formandos fossem

motivados e mobilizados para tentarem encontrar no próprio processo de formação uma saída para a sua vida do ponto de vista profissional”, explica José Carlos Albino, lembrando que uma das grandes “batalhas” travadas na altura foi a desmistificação das empresas enquanto “corpo estranho no Alentejo”. “Havia que criar uma lógica de que tinha de ser com empresas e actividades empreendedoras que se resolviam os problemas”, justifica.

Outro dos aspectos inovadores do projecto era a instalação de for-

balharem em conjunto. É que a lógica da parceria, que hoje é utilizada a toda a hora, estava completamente fora nessa altura e as pessoas, organizações e instituições andavam de ‘costas viradas’”, sustenta.

A marca da ESDIME

O projecto de Messejana chegou ao fim em 1990 e além de uma população mais formada e qualificada e com novas micro empresas locais, deixou outra grande marca: a Esdime – Empresa de Messejana para o Desenvolvimento Integrado (hoje Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste), criada em Fevereiro do ano anterior.

“Era necessário que este projecto, sendo datado, desse origem a uma organização – que aproveitando e ganhando o balanço deste projecto, pudesse dar continuidade ao trabalho já realizado. Para que este não fosse um projecto que morria e que nada ficava”, explica José Carlos Albino.

Nesse sentido, e findo o projecto, a Esdime começou a assentar a sua intervenção em duas linhas de trabalho. Por um lado, dando suporte técnico e motivacional à elaboração de projectos dos próprios formandos e a grupos de desempregados da região. Por outro lado, colaborando tecnicamente com alguns municípios e organizações do Baixo Alentejo, em áreas ligadas ao desenvolvimento económico e social, incentivando e apoiando diversas associações locais.

Desde então passaram-se 24 anos e algumas das mudanças verificadas na região têm, seguramente, o “cunho” da agência criada por José Carlos Albino. “O que aconteceu neste último quarto de século na região também tem a nossa ‘marca’. Mas como tudo o que fazíamos era com outras pessoas, instituições ou organizações, achámos sempre que os resultados obtidos não são da Esdime! A Esdime pode ter provocado e liderado as situações, mas os resultados são de todos”, conclui.

100

Pessoas ficaram no desemprego em Messejana, no final da década de 80. Esse foi o “impulso” que fez surgir a ESDIME!

madores vindos de vários pontos do país em Messejana, permitindo uma vivência única e muito mais próxima entre quem ensinava a fazer e quem queria aprender a fazer. “Achávamos – e eu continuo a achar – que os técnicos e agentes que pretendem apoiar, motivar e espoletar processos de desenvolvimento só o conseguem fazer em condições e com resultados se forem bem recebidos e integrados, viverem o dia-a-dia e tiverem uma vivência enraizada nos próprios locais”, defende José Carlos Albino.

Finalmente, o “Projecto Experimental de Formação para o Desenvolvimento de Micro-Regiões Rurais – Messejana 1987/ 1990” destacou-se pela capacidade de fomentar o trabalho em parceria, juntando no seu seio entidades regionais e locais, tanto associativas como públicas.

“O nosso projecto – e depois a Esdime – foi criando a ideia de que havia necessidade de as pessoas tra-





JOSÉ CARLOS ALBINO fundou a ESDIME

Remar contra a maré

Quase 25 anos depois da sua fundação, José Carlos Albino não tem dúvidas: a Esdime deve continuar a “remar contra a maré” e manter “o espírito inventivo, de desafio, de descoberta e de risco” de que nunca abdicou. “A Esdime nunca foi nem pode ser uma organização de continuidade. Tem de ser uma organização de permanente inquietação e renovação das suas propostas naquilo que faz e naquilo que desafia outros a fazer. Será, assim, necessário ter técnicos e agentes dinâmicos e fortemente mobilizados para um trabalho de missão”, justifica o fundador da Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste.

Desafios presentes

Os anos passam, mas o Alentejo ainda mantém alguns dos problemas do passado. A começar pela perda de população, preocupação que continua no topo das prioridades dos principais responsáveis regionais e de organizações como a Esdime. “Continuo a achar que hoje esse continua a ser o grande desafio e desígnio que temos pela frente. Não podemos diminuir mais de população! Abaixo dos valores que temos de densidade populacional perdemos capacidade de escala e de relações para podermos criar qualquer processo de desenvolvimento e oferecer, nomeadamente às crianças e aos jovens, condições para se sentirem bem nas suas terras”, argumenta José Carlos Albino.

Para combater este flagelo, o antigo presidente da Esdime continua a defender, como em 1987, uma aposta na educação e formação, na participação das pessoas, no trabalho em parceria e de reforço da capacidade organizacional e, ainda, na diversificação do tecido económico e empresarial da região. Ao mesmo tempo, Albino alerta que em matéria de “formação e organização” ainda “será necessário um ‘banho’ de cultura humanista e de cidadania global”.

“Temos de voltar a apostar muito no capital humano”, vinca, para defender logo a seguir captação de recursos financeiros que permitam a “territorialização dos capitais locais” (à imagem do que sucedeu com as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo no início do século XX) e apelar a um “toca a reunir” entre todos os alentejanos. “Devia gerar-se aqui um movimento de real conjugação de esforços, com mais agilidade e mais inovação”, conclui.